



Copyright ©2019Rô Mierling

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

EDITORA ILLUMINARE
Caixa Postal 49 - Torres - RS - 95560-000
www.editorailluminare.com.br

Edição
Laura Salles

Diagramação
Milena Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

MIRERLING, Rô
R192. Dark Love. Rô Mierling,. Torres: Editora Illuminare, 2019

978-85-86006-58-0

CDD: 869-4

CDU: 821-123.3.4

RÔ MIERLING

DARK
LOVE

Rio Grande do Sul
2019



AQUELE DIA DOS NAMORADOS

Alice saiu do prédio correndo. Desesperada, em prantos. Um carro passou e quase a atropelou.

- Vadia! Sai da rua - gritou o motorista.

Ela nem escutou, só corria, em busca de algo que nem mesma ela sabia o que era, com os olhos inundados de lágrimas. Era o ano de 1975. Alice, ela era uma menina de treze anos. Alta, loira, com lindos olhos azuis. Um corpo mais desenvolvido do que sua mente e o mundo que a rodeava. Criada quase que em cativeiro doméstico, não conhecia o que eram as armadilhas da vida.

Filha de um casamento rural arranjado, 9ª menina entre 12 filhos de uma família muito pobre, pai pedreiro, mãe doméstica, Alice, desde seus sete anos já ajudava a cuidar dos irmãos e da casa, fugindo das investidas sexuais de seu pai que ficava abusivo quando bebia. E ele sempre bebia.

Os anos passam, e ainda muito cedo, com 11 anos, Alice é mandada para fora de casa em busca de trabalho. Na verdade, sua mãe saía com ela e ia de prédio em prédio perguntando nos interfonos se alguém precisava de doméstica em troca de dormida e comida. Elas voltavam para casa derrotadas e os gritos dos seus pais eram frequentes lhe dizendo o quanto ela era imprestável, inútil, estorvo, e que não seria nada nem ninguém, nunca.

Até que em uma das buscas, uma senhora de uma família judia disse precisar de uma doméstica, mas que daria apenas um colchão na área de serviço e comida. Para a família de Alice era o suficiente, uma boca a menos em casa, era costume, o trabalho infantil escravo em casas ricas urbanas. E lá se foi Alice que só podia visitar seus pais apenas uma vez por mês.

A família Sheffer, onde Alice foi trabalhar, era composta de marido, esposa e dois filhos pequenos, que todo dia, por volta das dez horas, pediam para descer ao parquinho em frente ao prédio e lá ia Alice com as crianças ficando por uma ou duas horas com eles, já que os meninos estudavam apenas a tarde.

Em uma dessas saídas para o parquinho, Alice já com 12 anos, quase 13, viu um homem sentado num banco lendo um jornal. Ele tinha estatura média, era de pele clara, usava um chapéu que Alice achou engraçado, quase interessante. Estava vestido todo de preto. Era uma figura que se destacava em meio as crianças, babás e mães daquele parquinho. Mas ele só olhava para o jornal.

Alice continuou cuidando dos meninos, quando a bola de um deles acertou o jornal do homem de preto, que imediatamente levantou o rosto. Alice correu para pegar a bola e pedir desculpas. Ela se deparou com olhos verdes, num rosto misteriosamente envolvente, mas ao mesmo tempo com um pequeno sorriso cínico que Alice ainda não podia captar.

Ela se desculpou, pegou a bola e jogou para os meninos. Mas o homem segurou uma de suas mãos, e ela se assustou. Mas não tirou a mão. O toque dele era suave, mas firme ao mesmo tempo.

- Você cuida dos meninos? – Perguntou o homem de modo retórico.

- Sim – ela disse dando um pequeno sorriso tímido.

Ela usava um vestido bege, e com a luz do sol era possível vislumbrar os contornos de seu corpo de mulher a despontar, e o homem de preto não deixou de notar.

- Você sempre vem aqui? – Perguntou ele.

- Sim, todo dia de manhã – Alice respondeu ainda de cabeça baixa percebendo que ele continuava segurando sua mão. Ela puxou de leve e ele soltou.

- Sente-se aqui um pouco - ele disse – como se chama?

- Alice – ela respondeu.

- Meu nome é Alberto – ele falou dobrando o jornal e se virando para ela.

- Você tem os olhos mais lindos que já vi, e seu cabelo, tão brilhoso com esse sol – ele continuou.

Alice ficou vermelha, não sabia o que dizer, nunca tinha escutado tais palavras, em sua vida, só xingamentos e deprecições.

- Você será uma grande mulher. Forte, bonita. Poderá ser o que quiser, sabia? – Alberto disse e colocou uma mão no joelho dela.

Ela estremeceu, pois não era tocada daquela forma, com uma suavidade quase protetora. Não parecia ter maldade alguma naquele toque.

E eles começaram uma conversa, que foi marcada para continuar no próximo dia e no outro e no outro. E então, toda vez que Alice descia para o parquinho, Alberto estava lá esperando por ela. Um dia lhe levou uma flor, no outro, chocolates, e ela se sentia totalmente encantada, envolvida num mundo que ela nem imaginava existir.

Ele dizia as melhores coisas que ela podia ouvir. Com ele, ela se sentia forte, amada, esperançosa, até pensou em começar a estudar de novo, pois só tinha feito duas séries, o suficiente para aprender a ler e escrever muito mal, por sinal. Pensava em poder deixar de ser doméstica e trabalhar em uma loja, quem sabe, ou ser enfermeira, um sonho.

As semanas passaram, Alberto dizia que tinha 20 anos, apesar de parecer mais velho. Ele dizia também que era solteiro, representante de produtos hospitalares, viajava algumas vezes, quando não podiam se ver, mas que ele morria de saudades e Alice quase não dormia quando não o via, deixando inclusive de visitar os pais. Era seu segredo particular, sua patroa não sabia, nem sua família, mas algumas mães e babás olhavam para eles de forma estranha quando estavam sentados no banco de sempre, e ela não entendia bem por quê.

Um dia Alberto lhe deu um beijo nos lábios, um pequeno encostar, um selo de amor, ele dizia alisando suas costas, seus braços. E ela sentia que o mundo era só deles naqueles momentos.

Logo, Alice fez 13 anos e a data era próxima ao famoso Dia dos Namorados, que até então ela não tinha dado valor ou percebido. Mas naquele Dia dos Namorados, Alberto fez questão de marcar a vida de Alice para sempre.

Um dia antes do dia 12 de junho, uma quinta-feira, ele disse a ela que pedisse aos patrões para ir ver os pais na sexta-feira, já que fazia 60 dias desde a última visita. Ela perguntou por que e ele disse que tinha uma surpresa para ela.

O combinado com a patroa era que ela saísse cedo e voltasse antes da hora do jantar pois ela tinha que fazer a comida.

E na sexta-feira, bem cedo, Alice tomou um banho, colocou um vestido menos usado que tinha, arrumou bem os longos cabelos loiros e foi ao encontro de Alberto que esperava por ela na esquina da rua do prédio onde ela trabalhava. Ele estava dentro de um carro, e abriu a porta para ela. Ela se encantou ainda mais, nunca tinha andado de carro.

Eles trocaram um beijo delicado e ele ligou o carro.

- Onde vamos? – Ela perguntou.

- Surpresa. Vamos a um lugar tranquilo sem aqueles olhares maldosos da praça – respondeu ele sorrindo.

Ela confiou e apreciou o passeio. Minutos depois ele entrou numa garagem longa de um prédio na horizontal que Alice desconhecia, estava ansiosa, mas não quis fazer perguntas.

Alberto chega com o carro perto de uma pequena cabine e um homem pergunta:

- O mesmo de sempre Sr. Alberto?

- Sim Manoel, por favor – respondeu Alberto em voz baixa.

- O que ele quis dizer? – Perguntou Alice pouco à vontade.

- Nada demais, é que as vezes durmo aqui. São quartos, e quando meu apartamento está muito bagunçado e a empregada não aparece, eu prefiro vir para cá, que é limpinho. Vamos entrar e conversar bem tranquilamente, você confia em mim né?

- Claro – respondeu Alice olhando em volta um pouco desconfiada, mas com o coração tão apaixonado que não resistiu e entrou no quarto.

Uma cama grande, uma televisão, uma cômoda, uma cadeira, tudo muito simples e limpo com uma porta que dava para um banheiro.

- Sente-se – Alberto disse com carinho puxando Alice pela mão. Ela sentou e eles conversaram como na praça, sobre a vida, o futuro, as coisas com e sem sentido.

Alice agora estava mais tranquila, se sentia bem e deixou que ele a abraçasse de forma mais apertada, deitando-se vagarosamente na cama. Ela percebeu então que ele estava tirando os sapatos, o casaco, depois a blusa e tentou levantar-se, ele não deixou segurando-a ternamente na cama e a beijando.

Ela não podia resistir. Ele tirou a roupa dela sempre a convencendo que eles teriam um grande futuro, que ele a tiraria daquela casa de trabalho forçado, que a amava.

Alberto falava e fazia, mãos, pernas, beijos, roupas, até que ambos estavam nus e ele em cima dela. Foi tudo lentamente e rapidamente ao mesmo tempo. Quando Alice percebeu já sentia uma certa dor na área pélvica e ele gemia forte em cima dela.

Ela não sentia nada além de temor e uma tentativa de voltar a sonhar, mas ele passou a ser mais apressado, virou ela de bruços na cama, beijando suas costas, nádegas e tentou penetrar ela por trás.

- Não, por favor – ela disse em voz baixa.

Alberto parou e disse que tudo bem, que não tinha problema e que em breve fariam mais e seria ainda mais gostoso. Ele ficou em pé e pediu que ela se sentasse na beira da cama e olhasse para ele. Ela obedeceu, se sentindo estranhamente oprimida. Era como se algo estivesse quebrando, mas ela insistia em tentar manter pensamentos de amor e sonhos.

Ele então segurou o queixo dela e forçou levemente para que ela abrisse a boca e enfiou seu pênis.

- Fecha a boca e chupa como se fosse um pirulito, para frente e para trás – disse ele segurando-a agora pelos cabelos e forçando-se mais para dentro de sua boca.

Ela não sabia o que fazer, lágrimas estavam em seu rosto, mas ele dizia:

- Amo você, amo você, você é linda, maravilhosa, especial. Chupa, Chupa.

Ela então tentou fazer da melhor forma possível, se engasgando as vezes e ele empurrando de forma cada vez mais cadenciada até que ele gozou e ela sentiu sua boca cheia de algo que nem sabia direito o que era.

- Engole tudo e diz que me ama – Alberto falou enquanto acariciava os cabelos dela.

Alice não conseguiu engolir tudo, o esperma escorreu pela lateral de sua boca, ela limpou junto com as lágrimas que desceram

Alberto abraçou Alice e repetiu que a amava, que isso aquilo era amor e que seriam muito felizes, repetindo sem parar:

- Feliz Dia dos Namorados, meu amor.

Alice se acalmou, Alberto ligou a televisão, estava passando um filme pornográfico. Ele mudou de canal, colocou em um filme romântico, voltou para a cama, abraçou Alice e ela se acalentou. Ali eles, ficaram por horas. Ele pediu comida, comeram juntos, conversaram, ela voltou a sorrir e sonhar.

Mas o dia estava terminando, e ele precisava levar ela de volta para casa.

Alice chegou na casa de sua patroa pisando nas nuvens, tentando colocar de lado a parte dolorosa e bruta e só revivendo os carinhos, palavras e olhares românticos.

Alberto disse que na segunda-feira era para ela estar na praça, como sempre, que novamente se encontrariam. O final de semana passou se arrastando, e quando a segunda-feira chegou, o banco onde Alberto sempre se sentava, estava vazio.

Alice estranhou, sentiu um aperto no coração, saudade misturada com angústia. Mas esperou pela terça-feira, quarta, quinta e nada de Alberto.

Semanas se passaram, e Alice ficou cada vez mais angustiada. Alberto não apareceu mais, no entanto, no lugar dele, Alice passou a se sentir mal, com enjoo, ânsia de vômito, sua menstruação não veio e sua patroa percebeu, pelo volume de sua barriga, já que Alice era uma menina bem magra, que algo estava errado e a levou para fazer um exame.

Alice estava grávida e a família onde trabalhava a expulsou de casa. Ela não servia mais para o trabalho.

Sua patroa a mandou de volta para casa de sua mãe e quando ela atravessou aquela rua e foi chamada de vadia por não ter visto o carro, ela soube, como um clarão que se abriu a sua frente, que tudo mudaria em sua vida e não seria para melhor.

Alice chegou a sua rua, perto de sua casa, olhou o portão, sem coragem de entrar.

De longe, escutava os gritos de seu pai com sua mãe. Ela sabia que seu pai a espancaria de forma brutal, quem sabe até a mataria se soubesse que além de não ter mais emprego, ela ainda estava grávida.

Alice andou por todo o resto do dia e parte da noite pelas ruas da cidade, afastando-se do bairro onde ficava a casa de sua mãe. Andou por becos escuros, viu pessoas estranhas e o medo se instalando no seu coração hora a hora. Ela já não sabia direito onde estava.

Em certa esquina ela encontrou um homem, parado, fumando um cigarro.

Alice ficou estática, sem saber se voltava ou continuava a andar.

Ele a viu e perguntou se ela estava procurando um lugar para passar a noite ou procurando alguém.

Alice balançou a cabeça devagar, positivamente.

Ele olhou para aquela frágil menina e sorriu:

- Vire ali naquela rua e bem no final você vai avistar uma porta. Deve ter luz azul nela com algumas pessoas na frente, quem sabe lá eles te ajudam, eles sempre ajudam muitas pessoas lá.

Alice, semianalfabeta, sem cultura e informação, mal pode conter sua alegria, agradeceu e foi na direção indicada.

Uma porta aberta e umas pessoas conversando alegremente chamaram sua atenção. Ela ficou distante só olhando, o frio chegando junto com a fome. Entre essas pessoas, um homem mais velho a viu e se dirigiu para ela. Antes que Alice pudesse se afastar ele a segurou pelo braço.

- Calma menina. Aonde você vai?

Ela nada disse, mas ele percebeu seu desamparo.

- Vamos ali se sentar em um lugar mais quente, comer alguma coisa talvez - convidou ele.

Alice estava com muita fome e não recusou o convite uma vez que ela viu várias mulheres entrando na porta a sua frente - “quem sabe é seguro” - pensou.

Lá dentro, várias cadeiras, luzes coloridas, muitas pessoas riam, mulheres abraçavam homens mais velhos e a fumaça de cigarro dominava tudo.

- Sergio. Serve o melhor da casa para minha “sobrinha” aqui - disse o homem mais velho trazendo Alice para dentro.

Alice sentou-se em um banco e esperou. Em minutos, ela já estava devorando um belo prato, seguido de refrigerante. Satisfeita, ela viu que o homem a observava.

- Você parece que está barriguda. Está grávida?

Ela balançou a cabeça com um sinal positivo. O homem sorriu.

- Vou cuidar de você. Será a *garotinha do papai* - brincou ele sorrindo ironicamente.

Alice, não gostou muito da frase, mas estava cansada, perdida.

E o grande e velho homem, continuou:

- Ali naquela escada você sobe, conta o terceiro quarto e entra, vai descansar, dorme um pouco, vou pedir que uma de minhas meninas leve roupas para você tomar um banho.

Alice tentou dizer algo, mas ele não deixou.

- Não se preocupe com nada. Aqui ninguém vai lhe fazer mal, você ficará segura.

Alice, cansada e com sono, aceitou, não tinha muita opção e sua inocência ainda era vívida...

Ela foi conduzida a um quarto minúsculo, mas limpo, logo chegaram roupas para ela, várias peças e uma toalha.

- O banheiro é no final do corredor - disse a moça de vermelho que veio trazer as roupas.

Mas, Alice, tendo medo de tomar banho em um banheiro estranho, só trocou de roupas e se deitou na cama.

O sono pesado caiu sobre ela. Não parecia ter passado nem meia hora, quando ela sentiu uma sensação estranha e ouviu risadas. Ela abriu os olhos e dois homens estavam em seu quarto. Ela tentou se levantar, mas era tarde demais.

Eles a seguraram. Arrancaram suas roupas e a estupraram por horas. Ela mal conseguia respirar. Não reagiu, estava apática. Sangue descia por suas pernas e ela se sentia fraca.

Os homens saíram rindo e a mesma moça que tinha trazido roupas para ela, voltou e parou na porta.

- Pelo visto nossos amigos cuidaram bem de você. Vamos, se levante.

A moça puxou Alice até o banheiro, deu um banho rápido nela e a levou de volta para o quarto.

Alice se encolheu na cama e chorou. As lágrimas inundaram seu travesseiro.

E com olhos inchados de tanto chorar ela viu o dia amanhecer. Ela queria sair, fugir, mas não tinha para onde ir.

Uma senhora entrou no quarto e começou a colocar uns instrumentos em cima de uma mesinha no canto.

- Não se preocupe, vai ser rápido se você cooperar.

Alice não entendeu o que estava acontecendo, tentou se levantar para correr, mas a senhora segurou o seu braço, pegou uma seringa e injetou algo nela. Ela se sentiu ainda mais fraca e seus olhos se fecharam. Não soube bem quanto tempo passou, mas quando abriu os olhos de novo, sentiu uma dor estranha no pé da barriga. A moça de sempre estava sentada próximo a ela.

- Vou te explicar como funcionam as coisas. Você fez um aborto, e o Sr. Devalos vai cuidar de você. Seus dias de trabalho são segunda, quarta e sexta. Você vai atender só um cliente por noite no começo, vai fazer só o básico, aqueles homens foram só um batismo, mas o Sr. Devalos quer que cuide de você com calma. Eu explico como é que se faz o básico e como eles gostam. Com um tempo atenderá até 5 clientes por noite e fará de tudo, sexo vaginal, oral e anal. Sem restrição e poderá atender dois de uma vez, não mais que isso senão vira bagunça. Na terça, quinta e sábado você ajuda a lavar as roupas de cama, a lavar a cozinha e o banheiro e no domingo você fica o dia todo deitada descansando para criar forças para a semana seguinte. Será assim até você ficar mais forte e crescida. Depois poderá atender clientes à tarde e a noite, todos os dias da semana, e pela manhã ajudará na casa. Você vai receber roupas, comida, casa, tudo. Vamos cuidar de você completamente, se você ficar doente nós te daremos remédios. Todo dia de manhã vou te dar um comprimido para você não engravidar mais, e todo cliente vai usar preservativo. Alguma pergunta?

Alice foi juntando cada pedaço de tudo que aconteceu. As palavras da moça, a gravidez, os homens em cima dela, a dor no pé da barriga, os olhos de Alberto e suas promessas e dentro de um mundo infinito de inocência e ignorância, ela entendeu que daquele dia em diante seu destino estava selado. Era uma prisioneira, uma escrava sexual.

- Em qual dia eu posso sair para ver minha mãe? - Ela perguntou timidamente.

A moça deu uma gargalhada.

- Não, meu bebê, você não pode sair, você fica sempre aqui no andar de cima, se o Sr. Davalos te pegar tentando descer as escadas, ele te mata de pancada e te joga no rio.

Alice piscou duas vezes e percebeu que nunca mais veria sua mãe, sua família, ou sua casa.

Os dias se passaram, a rotina se instalou e Alice não reagiu a nada, não era receptiva aos “clientes”, mas também não era arredia. Ela só cedia, não conversava, não reclamava, sobrevivia.

Em três semanas, ela já estava mais forte e disposta fisicamente, e toda vez que ela saía do quarto para o banheiro, cozinha ou lavanderia, que ficavam no andar superior da grande casa, seu olhar insistia em voltar-se para a escada. Quem sabe um dia, quem sabe uma hora.

Mas, o discurso de todos na casa era sempre o mesmo.

- Você acha que alguém ainda *te* ama? Acha que depois de ser puta, alguém ainda vai *te* querer em sua família? Você está contaminada, está suja, você agora é lixo, somente o Sr. Devalos pode *te* dar segurança e cuidar de você.

E aquela ideia se solidificou na mente de Alice fazendo sentido, uma vez que sua família não a tratava bem nem mesmo quando ela ia passar o dia em casa. Se eles soubessem que ela vivia aquela vida, iriam cuspir nela.

E com essas ideias em mente a escada ia ficando cada vez mais diante, longe e a luz do sol e o vento da rua eram apenas poucos e escassos prazeres que entravam pelas janelas superiores da casa amarela em uma rua nada respeitável na grande e suja cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

2 anos depois

- E então Devalos, algo de novo aqui nessa espelunca? – Perguntou um homem entrando na casa amarela.

- Meu cliente favorito, vem cá, vamos beber, e para de desqualificar minha casa. Faz tempo que não aparece, mas me conte, como vai a família?

- Tudo certo, as meninas estão grandes, a mulher está feliz e eu, como sempre, viajando para ganhar o pão.

- Ganhar o pão e comer a carne né? – Disse Devalos rindo e servindo uma bebida para ambos.

O visitante sentou-se, bebeu e conversou por um tempo com o dono da casa.

Logo ele se movimentou no banco e perguntou:

- Algo de novo que eu não conheço?

- Bom da última vez que você veio, ano passado, ficou com a mesma de sempre, a ruiva, que você gosta de maltratar – disse Devalos rindo.

- Sim, gosto dela, melhor a carne garantida, ela apanha bem e adoro as marcas naquela pele branca, mas queira experimentar algo novo. Semana que vem faço 35 anos. E preciso de um presente. Sei que você tem umas que espera amadurecer para deixar descer. Tem alguma?

- Bom, tenho uma que desce hoje, por sinal, já serviu lá em cima, mas devagar e com tempo, para se aclimatizar, só com o normal. Agora já vai descer para o serviço completo, quer ela no quarto de sempre?

- É boa mesmo? – Indaga o visitante – pois vou maltratar, sabe como gosto.

- Sim, mas não exagera, quero ela inteira amanhã – respondeu Sr. Devalos.

O visitante foi conduzido a um corredor, abaixo da escadaria, e no fundo a direita uma porta grande dava para um quarto azul, com uma cama enorme, um sofá grande, quadros pornográficos nas paredes, uma mesinha de cabeceira com copos e uma garrafa de vinho. Ao fundo um banheiro com banheira e grandes espelhos.

Acima da cama o teto era todo de espelho e o visitante se deitou na cama tirando a gravata.

No andar de cima, Alice se preparava para atender mais um cliente, seria o terceiro da noite, mas Sr. Devalos disse que seria o último, ela estranhou, estava atendendo cinco ou mais por tarde/noite, mas se teria folga, melhor.

Alice, toda de rosa, com pompons nos pulsos, nas meias $\frac{3}{4}$ e na beira do roupão, que se arrastava no chão cobrindo uma calcinha minúscula igualmente rosa.

Ela se olhou uma última vez no espelho, vendo uma moça já crescida, mas não tanto, tinha 15 anos, com semblante de 18, alma de 40 e tinha que fazer ar de 12, era a BONECA DA CASA, como chamavam, dada apenas a clientes especiais que gostavam de novinhas.

Ela desceu a escadaria que já não era mais proibida, e nem olhou para a porta de saída, que não importava mais. Foi ao quarto azul como informaram que devia fazer. Abrindo a porta, viu que apenas um dos abajures mais distantes estava aceso e um homem nu estava deitado na cama.

Ela fechou a porta, suspirou fundo, e começou seu teatro.

Ele olhava na direção dela, uma música suave tocava. Alice começou seu show, rebolando suavemente conforme a música, de olhos fechados tentando se imaginar em outro lugar. Mas uma mão a puxou violentamente para cima da cama e uma voz conhecida falou:

- Vem comigo putinha, vou te arrebenatar hoje.

Alice abriu os olhos e sentiu seu corpo todo estremecer, como se o frio do mais profundo inverno tivesse entrado no quarto que estava devidamente aquecido. Sentiu seus pés formigando, suas mãos suavam, e a voz não saiu da sua garganta.

O visitante a beijava violentamente nos seios, barriga, apertando seu corpo e arrancando o roupão. Os dois estavam em cima da cama, e a luz do abajur iluminou o rosto de um Alberto pouco diferente daquele que Alice viu pela última vez naquele Dia dos Namorados. Ele começou a virar ela de bruços, agitado, já bêbado, querendo rasgar sua calcinha, mas ela resistiu e ele estranhou.

- Ah, você é daquelas que resiste – ele disse sem olhar direito para o rosto dela, encoberto parcialmente pelos longos cabelos loiros.

Ele então deu um tapa na cara dela, e outro e outro fazendo os cabelos delas balançarem de um lado para o outro. E antes do próximo tapa, ela afastou os cabelos, segurou o pulso dele e disse:

- Oi meu amor. Sabe que dia é hoje? Uma enorme coincidência. Hoje é Dia dos Namorados.

Alberto olhou para Alice e só então reconheceu.

- Eu não acredito, não pode ser.

- Ahhh, pode sim – disse Alice se levantando da cama – olhe bem para mim, aprecie no que me transformei, ou melhor, no que você me transformou.

- Eu? Nada tive com isso. Como veio parar aqui? – Alberto indagou.

- Para onde mais eu iria depois do que aconteceu, eu engravidei sabia, e??? Onde acha que eu iria? – Dizendo isso Alice foi chegando de volta a cama, pelo lado da cabeceira.

- Ahh meu amor... – disse Alberto ainda de olhos arregalados – você está ainda mais linda...

A ironia na voz dele, era algo que ela realmente não pode mais suportar, era o divisor de águas, o ponto final de ruptura da linha suave de loucura que ela vinha suportando.

A garrafa surgiu em suas mãos, logo ela estava quebrada usando o canto da mesinha, e a jugular de Alberto clamava por atenção. Em um gesto rápido, Alice enfiou o caco de garrafa no pescoço de Alberto, que não teve tempo nem mesmo de se levantar da cama. Alice retirou o caco de garrafa e enfiou de novo e de novo, e de novo e mais uma vez, e por fim, se cansou e enterrou até onde pode no pescoço de Alberto que se esvaía em sangue.

A música suave, o cheio de sangue misturado com vinho barato, e a respiração, agora acalmada, no quarto, criaram uma atmosfera que deu paz a Alice. Uma paz que ela não sentia há muito, muito tempo. Ela lambeu a ponta dos dedos ainda miúdos, sugando o sangue de Alberto e repetiu mais uma vez, pausadamente:

- Feliz Dia dos Namorados, meu amor.



RECORDAÇÃO

“Ele vem vindo. Calma, fica calma. Vai dar tudo certo!” – pensa Fernanda consigo mesma.

Ela, morena de olhos muito negros, com seus 17 anos, namora Pablo, com 29 anos. Um rapaz grande, forte, com cabelos loiros e olhos claros.

Fernanda considera que o relacionamento dos dois é um namoro firme. Eles se conheceram numa festa, ele estava com amigos e ela com a irmã.

Pablo, está terminando a faculdade de Medicina, para então montar um consultório para ele, com a ajuda do pai.

Fernanda está no primeiro ano de Farmácia e estuda para concursos. Ambos jovens saudáveis e felizes.

Mas não hoje. É 12 de junho, Dia dos Namorados. É para ser uma data feliz, afinal, Pablo e Fernanda já estão juntos a quase dois anos.

Contudo, hoje, Fernanda está ansiosa. Como ela iria contar para ele? Como ele iria reagir? Se amavam, isso era certo. Ele jurava amor, dia após dia. Ele conhecia a família de Fernanda, porém, Fernanda ainda não tinha sido convidada para conhecer a casa de Pablo. Ele dizia que precisavam de mais tempo, que a família dele era meio reservada.

Fernanda não ligava, amava, esperava, confiava.

“E agora, ele está vindo, meu Deus” – Fernanda torce as mãos, suando.

Pablo vem, sorridente, com um buquê de flores exóticas. E a verdade na mente de Fernanda tamborila sem parar.

“Filho agora seria um desafio a tudo que ambos sonham.”

Na verdade, Pablo nem mesmo gosta do assunto de filhos, ele considera o mundo muito perverso para se ter crianças.

Fernanda, aceita e diz não fazer questão, quer apenas que sejam felizes. Mas agora tudo muda.

Fernanda está ali, sentada nas escadas esperando Pablo.

Ela deu um telefonema rápido para ele, dizendo que precisava vê-lo com urgência.

Diante do atraso de sua menstruação, ela fez o exame e deu positivo.

E agora?

“Calma, Fernanda. Vai dar tudo certo, respira” – pensa ela.

“Os pais dele podem ajudar, contratariam uma babá e tudo daria certo. O pai dele tem até uma clínica de obstetrícia, não tem o que dar errado” – pensa Fernanda.

Claro, o momento é inadequado, mas Deus quis assim, agora resta casar e tocar a vida. Pablo ama Fernanda. Ela tem certeza disso, então onde há amor, tudo se resolve, Fernanda repete para si mesma.

No começo do namoro, ele percorreu mundos atrás dela, fez de tudo que podia, ela nem queria namorar com ele.

Mas cedeu e se apaixonou.

Eles parecem um casal modelo. Por todo o lugar que eles andam são queridos, se bem que Pablo, nunca reuniu ela com muitos amigos dele. Mas Fernanda novamente não liga. Só quer estar com ele.

Na família de Fernanda, apesar da diferença de idade, Pablo foi aceito, pois aparenta ser responsável, de boa família.

Mas todos cochicham perguntando quando sairá o casamento.

E Fernanda nada sabe dizer, pois já tinha tentando falar com Pablo, mas ele desconversara:

— Temos tempo, está bom assim – dizia ele.

“Para que se casar?” – consola-se Fernanda.

Mas agora é diferente, surge uma criança, não podem ficar assim vivendo em apartamentos separados, natural é se casar.

Pablo diz a Fernanda duas, três, quatro vezes por dia que a ama e é recíproco da parte de Fernanda.

“Nada pode dar errado, não sei nem porque estou tão nervosa” – pensa Fernanda.

Ela o olha e o vê a metros dela.

Ela suspira levanta e o abraça.

— O que houve meu amor? Porque esse encontro aqui assim, no meio do dia?

— Eu preciso te contar uma coisa querido.

— Então fala, o que houve?

— Eu... eu... — Tremula Fernanda.

— Estou ficando preocupado — Diz Pablo, com as flores já abaixadas e esquecidas em sua mão direita.

—Eu estou grávida! — Solta Fernanda de uma só vez com olhos arregalados.

— O quê??? — Pablo dá uns passos para trás, olha sério para Fernanda e não consegue entender bem o que aquilo quer dizer.

“Filhos?” – pensa ele – “não, não quero filhos, não gosto de crianças, não encaixa na minha, vida, nem agora nem nunca.

“Porque ele está reagindo assim?” – pensa Fernanda.

E nos embates de olhares, aflições e ansiedades, Fernanda declara:

— Vamos ter nosso bebê, vamos nos casar, comprar um apartamento só para nós, vai dar tudo certo meu amor.

Pablo não fala nada. Sério, começa a assustar Fernanda.

Fernanda não sabe, mas ele está pensando em Lívia, sua noiva, recém-formada em Odontologia, com seus 24 anos, corpo escultural, quente e ardente, que sempre o espera nas noites onde ele diz a Fernanda que precisa estudar.

A família de Pablo é amiga da família de Lívia, eles possuem o mesmo status social, que Fernanda, infelizmente não tem.

“Como vai ser agora com filhos, casamento? Não, nunca. Nem pensar. Não com Fernanda!” – pensa Pablo.

Ele adora e sempre adorou o fato de Fernanda ser novinha e ingênua, apertadinha, fazendo tudo que ele pede, sem restrições quando se trata de sexo e tudo mais. Fernanda deu a ele sua virgindade, e ele gostou de ser o primeiro em todo tipo de sexo com ela.

“Mas se casar com ela, nem em sonhos. E esse filho?” – pensa Pablo se afastando levemente de Fernanda.

E Fernanda fica cada vez mais aflita e percebe que não, nada vai dar certo, tudo está errado.

— O que houve Pablo, não me ama mais?

— Sim claro que te amo, mas não amo essa sua “história de bebê”.

— Não é uma “história de bebê”. É nosso filho. Será uma recordação linda para esse Dia dos Namorados, um presente... – fala Fernanda com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, nosso não! É seu. Presente porra nenhuma – diz Pablo quase gritando.

— Meu? Eu fiz sozinha? Nem se atreva a pensar em me abandonar. Eu conto para todo mundo, eu grito, posto nos jornais, nas revistas, no clube de seu pai, em tudo que é lugar. Sua cara de bom moço vai cair – reage Fernanda desesperada.

Pablo vai ficando cada vez mais aflito, já não pensa com clareza, coloca as mãos na cabeça. Sente tudo rodar e a cabeça doer.

Ele quer achar uma solução boa para todos, mas Fernanda continua gritando e ele não entende mais o que ela diz. Até que sem pensar, ele lhe dá um tapa. Ela se cala e o silêncio se faz.

Pablo imediatamente pensa e percebe o que fez.

“Eles eram felizes juntos, transando, rindo e curtindo a vida. Como isso aconteceu?”

— Calma meu amor, me perdoa, tudo vai dar certo – diz Pablo se aproximando de Fernanda que, com o rosto vermelho, chora.

Pablo a abraça, deixando as flores cair, e Fernanda começa a se acalmar, sem saber se empurra Pablo ou se o beija.

Ele a conduz ao carro e a leva para o apartamento dela.

Fernanda não entende bem quais os planos dele. O trajeto foi feito em silêncio e ela não consegue perceber qual é a próxima reação de Pablo. Chegando ao apartamento, ele diz:

— Fique aqui, vou dar uma saída, desfazer uns compromissos e volto, vamos planejar tudo e vai dar tudo certo – declara Pablo tentando parecer confiante.

Fernanda, mais tranquila, reflete.

“O tapa foi só um desequilíbrio dele”.

E ela se ilumina aos poucos pensando que tudo vai voltar ao que era antes e ela se deita no sofá para esperá-lo enquanto planeja nomes e tons de cores para o bebê.

Pablo sai e quando volta, Fernanda está dormindo.

Ele rapidamente abre sua bolsa, prepara uma seringa e segurando bem devagar o braço de Fernanda, injeta nela um potente sonífero.

Ela mal tem tempo de perceber o que acontece e fica imóvel.

Ele liga para um amigo que surge em poucos minutos na porta do apartamento de Fernanda.

Pablo pega uma outra bolsa e faz uns exames em Fernanda, concluindo que ela deve estar quase com dois meses.

“Como essa idiota não percebeu isso?” – ele se pergunta.

Ele conversa rapidamente com seu amigo que balança positivamente a cabeça ido a cozinha providenciar água quente.

E eles começam a trabalhar de forma ágil, “limpa”, com sacos, a água quente, instrumentos e lençóis.

Fernanda nada sente, nada vê, está feliz em seus sonhos, até parece que se pode ver um sorriso no seu rosto.

O processo é finalizado e o amigo de Pablo sai levando os panos com sangue, os sacos e “tudo” o mais.

Pablo prepara uma bebida e se senta na sua cadeira favorita.

Adora aquela cadeira, é grande e dá para transar gostoso nela. Ele comprou a cadeira para Fernanda em um antiquário no último Dia dos Namorados, o primeiro deles.

E ele pensa: “quando eu me casar com Livia, vou levar essa cadeira”.

Pablo então, com o dedo girando o gelo de seu copo, calmamente, liga a televisão e aguarda Fernanda acordar.

Afinal, tudo ficará bem e em paz, para todos, sem que seja preciso recordações novas ou surpresas para aquele Dia dos Namorados.